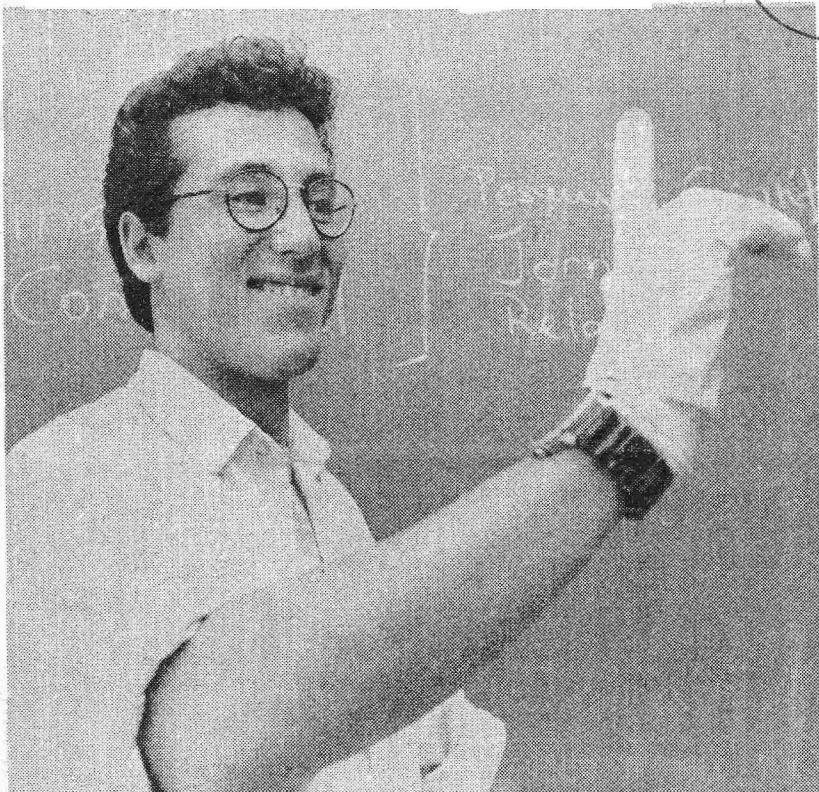




Marcia Zoet/AE

O professor Barreto: luvas para evitar a alergia causada pelo giz



Armando Prado

Andréia Pastuch: remédios para aliviar problemas com brinços

Alergias atrapalham profissionais

Muitos têm de conviver no trabalho com esse tipo de manifestação que ataca 45 milhões de brasileiros

LÍGIA FORMENTI

Depois de cinco anos de carreira, o professor do Colégio Equipe Ricardo Gonçalves Barreto começou a sofrer de crises de espirro quando entrava na sala de aula. Além disso, suas mãos passavam a ficar ressecadas e, às vezes, chegavam a sangrar. Ao consultar um médico, Barreto soube que era alérgico a giz. Hoje, um ano depois do diagnóstico, capa e luvas plásticas se transformaram em seus instrumentos de trabalho. As dificuldades de Barreto são vividas por muitos outros profissionais das mais diversas atividades.

Não é à toa: cerca de 45 milhões de brasileiros sofrem de algum tipo de alergia. Para obter mais dados sobre o assunto, a Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia acaba de iniciar uma pesquisa inédita no País. Até o fim do ano, 100 mil pessoas responderão a um questionário que vai identificar as manifestações mais frequentes da doença. Com base nesses dados, será realizada uma campanha de esclarecimento sobre o tema.

Os alérgicos muitas vezes apresentam os sintomas, mas não conseguem identificar as causas. Foi o que ocorreu com Barreto. "Nunca imaginei que, de uma hora para outra, me tornaria alérgico a giz", afirma. Para tentar amenizar seu sofrimento, seus alunos lhe deram um presente: um porta-giz, que lhe permite es-

crever na lousa sem ter contato com a causa de seus problemas.

O professor de pós-graduação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Júlio Croce, explica que para a alergia se manifestar é necessário um primeiro contato com a substância que gera a reação, conhecido por período de sensibilização. A duração desse processo, contudo, varia de pessoa para pessoa. "É como um tanque que vai se enchendo aos poucos", compara o médico. "Uma vez esgotada sua capacidade, qualquer gota causará vazamento."

De acordo com o médico do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo, Kepler Gaspar de Carvalho, cerca de 15% dos associados que procuram seu consultório têm alergia a giz. Encaminhados a es-

pecialistas, esses profissionais geralmente são aconselhados a evitar contato com o produto, como faz Barreto, além de se submeter a um tratamento de dessensibilização.

A veterinária Elisabete Krelling Macchia vive situação semelhante à do professor. Logo depois de formada, ela examinou um coelho. Bastou o animal sair de sua sala para que se iniciasse uma crise de espirros, acompanhada de irritação nos olhos. Era uma alergia ao pelo do animal. Desde então, Elisabete só recebe coelhos em seu consultório se estiver protegida por uma máscara cirúrgica. Para completar a falta de sorte, a veterinária também é alérgica a mertiolate.

Há casos em que a alergia provocada por substâncias encontradas durante o trabalho

pode ser contornada. Cristina Arce, dona da Fiore & Frutti, por exemplo, não usa em seus arranjos todos os tipos de plantas. O contato com determinadas espécies, como lírios e primulas, causam erupções e coceiras em sua pele. A cozinheira Natália Fuzetto usa a mesma tática. Antes mesmo de fixar o preço de seu trabalho ela avisa que não prepara pratos que levem camarão. "Só de falar esse nome tenho coceira", brinca.

A modelo Andréia Pastuch tentou driblar seus problemas alérgicos da mesma forma que Cristina e Natália, mas sem sucesso. Apesar dos apelos, não conseguiu convencer a agência para a qual trabalhava de que não pode usar brinços de bijuteria. Para não ter de conviver com orelhas inchadas, ela se submete a um tratamento médico. "Agora quase não tenho mais problemas", diz ela.

Mas não são todas as alergias que têm um tratamento tão eficaz quanto o de Andréia. Apesar do acompanhamento médico, o deputado federal Nelson Jobim (PMDB-RS) há 21 anos tem de suprimir vários alimentos de seu cardápio. Em viagens de avião, ele leva lanches. Quando se ausenta do País por algum tempo, fatalmente retorna com rosto e pés inchados. Há dois anos, depois de uma viagem à União Soviética, o deputado ficou dois dias de cama. Comidas com conservantes, corantes e bebidas fermentadas estão riscadas de sua dieta, pois ele é altamente alérgico a esses produtos. Às vezes Jobim não resiste à tentação e sai do rígido regime. "Devo ter comido algo de proibido", diz, encabulado.



Luludi/AE

Cristina na floricultura: evitando mexer com lírios e primulas